

RESENHA

*José Carlos Piacente Júnior**

VAN TIL, Cornelius. **O pastor reformado e o pensamento moderno:** o evangelho apresentado como um desafio à descrença atual. Trad. Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. 215p. Original: *The reformed pastor and modern thought*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1971.

Cornelius Van Til (1895-1987) foi um dos fundadores do Seminário Teológico Westminster, onde lecionou apologética e teologia sistemática por 42 anos. Também lecionou no Seminário de Princeton e foi editor adjunto do periódico de filosofia calvinista *Philosophia Reformata*. Van Til dedicou-se aos estudos de teologia, filosofia e apologética sob a orientação da cosmovisão calvinista. Sua filosofia inclui as matrizes do neocalvinismo holandês, sobretudo a ênfase de Abraham Kuyper no senhorio de Cristo sobre todas as áreas da existência humana. Com efeito, Van Til é um pensador cristão que admite a Escritura como a revelação de Deus que dá suporte para todo empreendimento humano. Sendo assim, para a realidade ser interpretada de modo coerente e pleno, o saber humano necessita sujeitar-se à autoridade de Cristo,

O livro *O Pastor Reformado e o Pensamento Moderno* traz a lume os desafios com que a fé cristã se depara no ambiente acadêmico anticristão e propõe um critério para que a cosmovisão cristã seja disseminada e, ao mesmo tempo, defendida. Van Til almeja que o pastor reformado seja capaz de separar a verdade do erro e, assim, conduzir adequadamente a igreja de Cristo. Sua principal tese é que o cristianismo histórico difundido na fé reformada é capaz de propagar o evangelho de Cristo com eficiência e intrepidez diante dos inúmeros desafios impostos pela descrença. Assim, é mister defender e difundir a visão cristã bíblicamente orientada ainda que diante dos mais ferrenhos ou

* O autor é graduado em Filosofia e Teologia, e Mestre em Filosofia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. É pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana do Bairro Constantino, em Patrocínio-MG, e professor do Instituto Bíblico Eduardo Lane (IBEL).

dissimulados ataques incrédulos. Para tanto, Van Til antevê a tarefa pastoral ao lidar com a responsabilidade de guiar o rebanho diante de um mundo que inúmeras vezes ridiculariza o cristianismo, de maneira especial entre acadêmicos e cientistas modernos.

O autor propõe um texto construtivo, e não meramente polêmico, que se apresenta como um manual para o pastor reformado. Van Til reconhece que o pastor possui muitas atividades e que dificilmente terá tempo e condições para alcançar o mesmo nível de um perito em ciência moderna. Por conseguinte, seu empenho visa descortinar um critério de avaliação adequado para distinguir a mentira da verdade. Com esse critério, o pastor pode identificar o erro elementar que anima a atividade teórica anticristã. Tal critério considera as razões que subjazem ao pensamento moderno, contrapondo-as ao cristianismo histórico, segundo a teologia reformada. A revelação das Escrituras é admitida como autoridade última para interpretar a realidade e alcançar conhecimento verdadeiro e coerente das experiências da realidade.

No capítulo primeiro, Van Til discute os embates entre o cristianismo e o pensamento moderno, que trazem a chave para a compreensão do critério reformado acerca do conhecimento humano, principalmente a formação de uma epistemologia bíblicamente orientada. Van Til apresenta a teoria do conhecimento segundo Calvino e a contrapõe à epistemologia tomista e às formas de conhecimento de pretensão autônoma. Observa-se que o projeto epistêmico de Calvino, necessariamente, requer a Escritura como padrão último de verdade para julgar e interpretar os fatos da realidade, conforme a ação interna do Espírito Santo. Por conseguinte, não existe “fato bruto”. Nota-se a oposição diametral entre Calvino e Aquino no que tange à epistemologia e à teologia natural. Van Til assevera que a filosofia aristotélica, pautada na “analogia do ser” e dotada de pressupostos não cristãos sobre a realidade, não pode originar conceitos essencialmente sadios. Desse modo, o autor elenca os efeitos da cosmovisão calvinista na interpretação da realidade, da epistemologia, dos fatos, da lógica e do mal. No calvinismo, todas as coisas existem numa relação ético-pactual sob a dependência de Deus. O conhecimento de Deus é tomando como eixo central da atividade teórico-reflexiva. Van Til, por fim, pondera sobre a apologética arminiana e conjetura um diálogo entre um cristão reformando, um arminiano e um não cristão. Conclui que os arminianos e católicos romanos mantêm profundas limitações apologéticas e que a denominada “apologética tradicional” possui um lastro de catolicismo romano e arminianismo. Em contrapartida, a apologética reformada é fiel à Escritura e eficiente na tarefa de mostrar ao incrédulo o evangelho como realmente é.

No segundo capítulo, o seu propósito é alargar o entendimento do leitor acerca da fé reformada e, desse modo, equipar o pastor a patentemente distinguir a fé reformada da teologia romanista. Van Til discute o catolicismo romano tradicional e sua relação com a filosofia tomista. Aliás, seu fundamento está

na teologia filosófica tomista. Contra essa filosofia foi que os reformadores do século 16 reagiram, devido ao seu afastamento da pureza do evangelho. O autor evidencia a inabilidade do romanismo para apresentar o evangelho ao incrédulo; por outro lado, destaca como a fé reformada realiza a empreitada de enfrentar o pensamento moderno com fidelidade à revelação. Em seguida, o autor discorre sobre epistemologia, metafísica e ética para comprovar que o fundamento teórico do papado romanista difere da fé reformada com respeito à “autoridade infalível”. Nada obstante, Van Til introduz a relevância da “analogia”, ou seja, a questão da prioridade da relação de Deus com o homem. Os fatos da natureza são compreendidos a partir de uma analogia com as perfeições do ser de Deus. Van Til rejeita a filosofia tomista e seu apego à analogia do ser (*analogia entis*); antes, reconhece a analogia da fé (*analogia fidei*).

No terceiro capítulo, Van Til apresenta o protestantismo moderno como outro oponente do pastor reformado. Tanto a ciência como a filosofia moderna fomentam a rejeição que o protestantismo atual impõe ao cristianismo histórico. A partir da filosofia kantiana, qualquer pressuposição de caráter metafísico ou dogmático é peremptoriamente recusada. Sendo assim, o kantismo tem ocupado um *status* de destaque na apologética. Van Til expõe pormenorizadamente a filosofia kantiana, incluindo epistemologia, dualismo, liberdade, ética e moral, empirismo e racionalismo, criticismo moderno, a relação entre ciência e religião, desmitologização e protestantismo histórico. Observa-se que o pressuposto filosófico kantiano integra as teologias que destoam e até mesmo se contrapõem ao calvinismo. A filosofia kantiana, muito longe de salvar a religião, afastou-se radicalmente do pensamento reformado. Na verdade, Kant desmitologiza e em seguida remitologiza a religião, comprometendo a temática bíblica criação-queda-redenção. Kant recriou uma religião apóstata e a reduzida à moral, na qual a liberdade humana assume total autonomia.

No quarto capítulo, Van Til discute a relação entre o protestantismo moderno e a filosofia contemporânea, a partir da compreensão do sentido de interioridade enfatizado no kantismo. Na verdade, o princípio de interioridade tem início em Sócrates e alcança seu auge em Kant. A tradição de pensamento kantiana desemboca na conclusão de que todos os fatos da realidade não passam de “total e exclusivamente uma projeção na pura contingência do ser”. Para ratificar que o pressuposto kantiano se faz presente no protestantismo moderno, Van Til discorre sobre o pensamento de Richard Kroner e Paul Tillich. Kroner sugere que a filosofia grega com seu caráter especulativo e o kantismo abriram caminho para a chegada do evangelho. Como um pós-kantiano, ele fomenta uma filosofia que adota o mesmo ponto de partida do pensamento moderno, a saber, o homem autônomo. Tillich, à semelhança de Kroner, procura agregar sistematicamente, ou sintetizar, filosofia, teologia e ciência moderna pós-kantiana; nada obstante, busca compreender a condição e os limites do “princípio protestante” na interpretação da história. O foco de

Tillich é a história sendo observada sem a presença real de Deus e percebida através de “símbolos cristãos”. Ele enaltece a autonomia do homem sob o mesmo estigma do kantismo; assim, a mente humana é autossuficiente para interpretar o mundo, o próprio homem e decidir o seu destino. Entrementes, Tillich desconsidera a literalidade dos relatos bíblicos. No seu sistema, a criação, a queda e a redenção não implicam fatos históricos. Destarte, Kroner e Tillich censuram a autoridade das Escrituras, bem como a condição essencial de dependência a que toda a criação está sujeita. As teologias filosóficas de Tillich e Kroner são cabalmente opostas à teologia reformada, pois fomentam um cristianismo “modernizado” engendrado em pressupostos apóstatas.

No quinto capítulo, Van Til discorre sobre o catolicismo romano e seus desdobramentos na atualidade. O autor discute a aproximação da teologia católica ao barthianismo por meio da obra de Hans Küng e, também, a influência barthiana na criação da *Confissão de 1967*, adotada pela United Presbyterian Church (UPC). Nos dois casos, nota-se a marcante presença da filosofia de Kant. O autor ainda pondera sobre a proposta de Jacques Maritain e Etienne Gilson, o apoio de ambos à filosofia tomista e seu realismo moderado, como solução para superar o pensamento modernista. Por outro lado, Van Til destaca a incansável busca da teologia reformada para compreender a realidade e seus fatos a partir de Jesus Cristo. Para o ser humano vencer o antropocentrismo neoprotestante, bem como o subjetivismo moderno, é preciso admitir que o ato de conhecer requer submissão à verdade objetiva, conforme a mediação de Cristo e a ação do Espírito Santo; afinal, a história somente pode ser interpretada partindo da revelação de Cristo.

No capítulo final, Van Til introduz uma discussão sobre o ecumenismo, visto que não há como o pastor reformado fugir do confronto com o moderno movimento ecumênico. Van Til conclui que existe um ecumenismo bíblico, a saber, uma história que começou com Abraão, seu chamado e terminará na multidão inumerável de adoradores referida no livro do Apocalipse; enfim, pressupõe o ajuntamento do povo escolhido, de propriedade exclusiva de Deus, a santa semente, os guardadores do pacto presentes em todos os lugares do mundo. Em contrapartida, o ecumenismo não-bíblico não se apóia na salvação exclusivamente pela graça.

O cristianismo histórico possui a resposta ideal para os fatos da realidade; todavia, o pastor reformado necessita de um critério para descortinar e refutar as mentiras e erros modernistas. Como o pastor pode se desvencilhar dos ataques dos peritos da ciência moderna anticristã? O critério de Van Til implica em admitir que a autoridade última para o conhecimento da realidade é Cristo Jesus. Igualmente, pressupõe adotar um método especificamente reformado de raciocínio: os fatos da realidade não existem independentes de Deus. A autoridade das Escrituras inspiradas por Deus é a fundação indispensável para o conhecimento humano: é a voz de Deus assumida como pressuposição

para toda atividade do pensamento. O pastor, tendo esse critério capital, não precisa ser um *perito* em ciência moderna; antes, faz uso desse critério toda vez que a fé cristã é confrontada. A verdade e o erro podem ser racionalmente identificados, uma vez que passam pelo critério de “origem e dependência”. Tudo foi originado e depende de Deus. Tudo foi pré-interpretado na revelação das Escrituras, pois os fatos não podem se compreendidos sem a direção e interpretação das Escrituras. Cabe ao cristão reconhecer que o descrente, ainda que seja capaz de produzir momentos de verdade dados pela graça comum, não se aproxima da verdade sem distorções e supressões. De fato, todo pensamento apóstata traz em seu bojo uma combinação de irracionalismo e racionalismo; assim, em certos momentos tende para um extremo ou outro. Finalmente, a inteligibilidade das coisas criadas deve surgir da pressuposição de que Deus existe e se revela. Uma vez que a ciência e o conhecimento humano se submetem à interpretação de Deus, a verdade é descortinada.

A publicação em língua portuguesa desse texto é de grande valia para equipar o pastor reformado na defesa e propagação do cristianismo histórico e evitar a alienação. É patente a preocupação de Van Til com a dicotomia entre cristianismo, ciência, filosofia, enfim as demais áreas do saber humano. Considerando que o senhorio de Cristo sobre a realidade não permite dicotomias, Van Til afirma que o cristianismo reformado não está em desacordo com a reflexão racional, pois não fere os cânones da racionalidade e nem mesmo é contraditório com fatos da realidade e a lógica. Todavia, a racionalidade e a lógica são parte da realidade criada e não estão acima de Deus; muito menos são capazes de controlá-lo. A razão, além de afetada pela queda, não pode desempenhar suas funções plenas sem a sujeição a Cristo e sua Palavra. Na verdade, cabe ao cristão começar sua tarefa reflexiva tomando como pedra de toque a autoridade absoluta do Cristo revelado nas Escrituras.

Portanto, o texto notabiliza que o protestantismo moderno, que é diametralmente oposto ao protestantismo reformado, tem o seu fundamento na filosofia moderna, a qual se contrapõe à realidade histórica presente na temática criação-queda-redenção. Verdadeiramente, Van Til professa a autoridade absoluta das Escrituras e a eficiência da teologia reformada e sua cosmovisão na exposição impactante e apologética do evangelho, sem prescindir de quaisquer de suas proposições autorizadamente dadas para a interpretação da realidade temporal. Toda a realidade é submetida à estrutura de significado pré-interpretada na revelação, ou seja: fatos são interpretados cristologicamente. Afinal, o homem mantém um relacionamento ético-pactual com Deus, seja em uma atitude de submissão ou de rebeldia.